

Meu nome é Damon Howard Leigh, tenho 22 anos e sou estudante universitário. Menos de um ano atrás, passei por uma situação extremamente assustadora, que quase me deixou traumatizado pelo resto da vida. Por um pequeno período de tempo, o acontecido chegou a me perturbar e alterar meu modo de agir, o que foi notado pelas pessoas próximas a mim, mas estou feliz em poder dizer que isso já foi completamente superado. E é justamente por esse motivo que escrevo este registro, para clarear de vez esse assunto, que ficou confuso em ocasião do acontecimento.

Tudo começou por uma besteira. Fui chamado pelos colegas da universidade para uma grande festa. Até este ponto, tudo normal, visto que essas festas são comuns, sou convidado para todas e compareço à maioria (gostaria de abrir um parêntese aqui para acrescentar aos meus queridos e preocupados pais que não deixo essas festas atrapalharem meus estudos). A festa ocorreria em uma mansão no interior, a cerca de quatro horas de carro da cidade. Meus amigos me ofereceram carona, mas, independente (e tolo) que sou, preferi ir sozinho, na minha moto nova em folha (agradecimentos ao meu querido padrinho). Marquei o caminho em um mapa, peguei minha moto, e parti no fim da tarde.

É óbvio que eu me perdi em algum ponto, não? Bem, segui durante uma estrada de terra até o anoitecer. Não querendo desistir e voltar (mesmo porque não saberia como fazê-lo), continuei seguindo em frente, seguro de encontrar alguém que pudesse me ajudar a me localizar. Já de noite, em uma escuridão assustadora, a estrada em que estava entrou em um pântano, um brejo lamacento. O ar daquele lugar era pestilento e pesado, a quantidade de mosquitos era gigantesca, e eu já começava a sentir uma estranha agonia no peito, e um medo cuja origem eu desconhecia.

Já estava cruzando esse brejo por algum tempo, quando avistei uma luz mais à frente. “Só pode ser uma casa!” pensei, e tentei me apressar naquela direção, me sentindo aliviado. Não se passaram nem cinco minutos, no entanto, e minha moto começou a engasgar e estalar. Perdi o controle da direção, e trinta segundos depois eu estava no chão, coberto de lama e todo dolorido. A moto havia caído sobre minha perna, e agora eu teria de mancar. Depois de conseguir me botar de pé, tentei avaliar a moto. Ainda havia combustível (eu havia levado um tanque extra) e nada parecia errado com ela. Mas ela não andava.

Minha moto, nova em folha, parada por aparentemente nenhum motivo. Não sendo mecânico, resolvi procurar por ajuda na casa que eu havia avistado. Deixei a moto escondida no canto da estrada, e então tomei minha pior decisão do dia (e eu já havia tomado péssimas decisões aquele dia, como ir sozinho à festa): decidi, ao invés de seguir pela estrada, cortar caminho pelo brejo.

Lá fui eu, mancando, pelo meio da lama de das raízes. As plantas dificultavam meu avanço, e os mosquitos eram ainda mais numerosos ali. O medo e agonia voltaram a crescer exponencialmente no meu peito, e eu tremia como um carro em rua de paralelepípedos. Já estava andando a quase vinte minutos, completamente perdido, quando me deparei com um trecho de terreno alagado. Pensei em dar a volta, mas agora a luz parecia maior e mais próxima, então, desesperado, comecei a chapinhar, com água até os joelhos e a lama espessa agarrando em meus pés.

Foi aí que a loucura começou. Tudo parece bastante horrível até agora, não é? Pois bem, isso não é nada. Ouvi um barulho esquisito, uma mistura de sucção, estalos e grunhidos distorcidos, que me paralisou onde eu estava. Quando consegui finalmente virar minha cabeça para o lado de onde vinha o barulho, quase desmaiei. Na verdade, devo ter apagado por um segundo ou dois, não sei. Não consigo me recordar com muita precisão a partir deste momento. O choque felizmente apagou de minha mente a imagem daquela criatura. Daquela Coisa. Só o que me lembro era que ela era grande e disforme como uma lesma. Lembro-me de ter visto tentáculos, garras, dente e olhos brancos e bulbosos, muitos deles, mas não me atrevo a formar a imagem da Coisa na minha mente. Ela aparece ocasionalmente em pesadelos, dos quais eu acordo tremendo e lavado em suor. Mas, felizmente, assim que desperto, não consigo mais lembrar-me de sua imagem.

Claro, algo tão bizarro não pode ser real. Com certeza foi apenas uma alucinação causada pelos gases do pântano. Não pode ser real. Não pode ser real. Não pode ser real. Não pode ser real. Não pode ser real. Não pode ser real. Não pode ser real. Não pode ser real.

A Coisa correu, ou, mais provavelmente, rastejou para cima de mim, e eu corri na direção oposta. Não olhei mais para trás, mas podia ouvir seus barulhos chegando cada vez mais perto. Corri em qualquer direção, sem saber onde estava indo, até que estava exausto e sentia a falta de ar como facadas entre minhas costelas. Fui forçado por minhas próprias pernas a diminuir o passo, mas continuei correndo, cego, até que tropecei em uma raiz qualquer e caí de cara na água.

Apaguei.

Quando acordei, estava imerso em uma água lodosa e fedorenta, que começava a penetrar em meus pulmões. Alguma coisa, um mistura de tentáculos, algas e garras, me puxava para o fundo, mas não tive coragem de olhar para baixo. Nadei, lutei e me debati furiosamente, cego e me afogando, até que minha mão encontrou terra da superfície, e eu comecei a tentar sair. Consegui sair me agarrando ao mato, me pus

de pé com uma velocidade impressionante e comecei novamente a correr, ou mancar, sem ter coragem para abrir os olhos. Não via nada, e também não ouvia, nem mesmo sabia se a Coisa ainda estava atrás de mim. Só podia sentir meu cansaço, e o capim-navalha cortando meus braços e meu rosto. Perdi os sentidos em algum momento enquanto corria, e não me lembro de mais nada.

Aparentemente, consegui chegar à estrada antes de desmaiar, e um casal que passava de carro por ali me encontrou e me levou para o hospital. Tive um período de choque, mas me recuperei plenamente e estou inclusive pronto para fazer minhas provas da universidade. Aliás, termino de escrever aqui, porque tenho que ir estudar para uma prova. Bem, espero que isso seja esclarecedor o suficiente.

(carta escrita pelo paciente Damon Howard Leigh, de 44 anos e internado no manicômio desde os 22, pouco antes de seu terrível suicídio. Leigh também escreveu, com seu próprio sangue, por todas as paredes de seu quarto. Estava escrito, repetidas vezes, a palavra 'GARNYARTH' e a frase 'NÃO PODE SER REAL'.)

Errol B.O.